

BIOGRAPHIA COMPLETA

DO

PRIMEIRO ACTOR DRAMATICO BRASILEIRO

JOÃO CAETANO DOS SANTOS

POR

FERREIRA GUIMARÃES & CASSIANO CEZAR

RIO DE JANEIRO

Typographia e lithographia a vapor LOMBAERTS & Comp.

7 — RUA DOS OURIVES — 7

—
1884

JOÃO CAETANO DOS SANTOS



José Caetano dos Santos

BIOGRAPHIA COMPLETA

DO

PRIMEIRO ACTOR DRAMATICO BRASILEIRO

JOÃO CAETANO DOS SANTOS

POR

FERREIRA GUIMARÃES & CASSIANO CEZAR

RIO DE JANEIRO

Typographia e lithographia a vapor LOMBAERTS & Comp.

7 — RUA DOS OURIVES — 7

—
1884

Adquirido em 1950

PREVENÇÃO

Antes de encetarmos o presente trabalho, medimos a grandeza do assumpto comparada com a nossa insufficiencia, calculamos os obstaculos á vencer, compenetramo-nos do esforço que era preciso afim de tangenciarmos o nosso ideal e só nos atiramos a tão arriscada empreza armados da certeza de que seriamos desculpados pelo serviço que de algum modo prestariamos á quem demasiadamente fez jus á admiração do futuro.

A palavra é bronze com que a historia immortalisa os seus heróes : não somos historiadores, mas a pedra que trazemos para o pedestal de tamanha estatua, rola do alto da gratidão aos pés do merecimento.

Nós, particularmente, cumprimos um honroso dever saldando parte dessa divida de honra que a patria contrahio com um de seus primeiros cidadãos.

A Arte é o thermometro que marca o gráo de civilisação dos povos; a arte dramatica é o espelho que reflecte a educação social.

O theatro é um templo e o palco uma tribuna de onde o progresso se exemplifica ás multidões.

Na arte dramatica contemporanea dous homens conquistaram o primeiro logar: — Frederick Lemaitre, em França, João Caetano dos Santos, no Brasil.

Dous annos apenas foram a distancia que os separou pelo nascimento; mas... o primeiro nasceu n'essa patria generosa e grande, que tem sempre um applauso para receber o talento e uma corôa para premiar o merito. O segundo... descubramo-nos á sua lembrança e passemos.

Para o thermometro da nossa civilisação não ha mercurio ou alcool capaz de resistir á atmosphera glacial em que sufocam-se aspirações, por mais nobres, e baldam-se os esforços, por mais tenazes.

Entre nós *arte* é uma industria sem merecimento e o *artista* um zero á esquerda da virgula social.

A mascarada do preconceito, com a importancia dos seus haveres hypothecados, leva o rumor da sua ignorancia á officina do ideal, pela mesma razão porque o parvo falla e gesticula: apparece para se impôr e impõe-se porque não se conhece.

Basta um olhar para o concurso ás exposições da academia de Bellas-Artes; uma analyse da frequencia dos nossos theatros; uma ligeira observação do que se exhibe ao espectador.

E, força é confessal-o! não tanto aos escriptores, porem, com muito mais censuravel razão, aos proprios artistas em sua maioria se deve o resultado negativo do actual merecimento artistico.

Outr'ora, ao tempo desse genio que se chamou João Caetano dos Santos, dessa vocação talentosa que a culta Europa saudou e a cuja gloria se apegam reputações de malacacheta com pedestaes de poeira, mediocridades de toda vida com vaidades de pyrilampo; outr'ora, o artista era um sonhador do bello que tinha no cerebro a scentelha da inspiração. Seria um visionario, tinha mais coração do que estomago; que importa?!... Em agradavel compensação a consciencia andava farta de seu dever e por isso mesmo o artista era mais digno.

Artistas de talento temos e não poucos; vocações artisticas ainda mais; se muito poucos, entretanto, procuram fazer valer os seus meritos por meio de seria applicação, outros, com a consciencia offuscada pelo orgulho de um merecimento emprestado por applausos da ignorancia, por triumphos obtidos de um fatuo compadresco, estragam o pouco valor que possuem, perdem o equilibrio da dignidade

e, do alto do conceito que poderiam ter, resvalam pela immoralidade á lama do ridiculo.

Muito esforçou-se o fiel interprete do *Kean* e do *Pelotiqueiro* por honrar essa virgem que dá pelo nome de Arte Dramatica Nacional ! muito, mas... tempo perdido !

Os que sabem de Arte, os que têm uma opinião verdadeiramente valiosa, acobertam as faltas com a condescendencia, desculpam-se da tolerancia com o escrupulo e substituem a censura por um silencio prejudicial.

Os censores de camarim, os *illustres* de occasião, mediocridades de botequim, tem sempre um conselho pernicioso, uma saudação importuna.

A imprensa, essa sempre a mesma de todos os tempos, é uma casa commercial como outra qualquer.

Bem o disse João Caetano : „ A arte, por mais bella, util e necessaria que seja, exercida em um paiz que não a sabe apreciar, tem o mesmo valor que uma pedra preciosa na mão de um selvagem, é como a formosissima joven, coberta de andrajos, perdida na multidão ; é, como diz Cesar de Bazan á Maritana, *uma flôr no deserto ou uma perola no fundo do oceano*. Um povo, para bem apreciar o talento, precisa que se componha de maior numero dos que trabalham para desenvolvê-lo, do que de zoilos e mestres de obra feita “.

João Caetano foi vietima sempre dos despeitados e dos invejosos.

Quando elle levou aqui á scena o *Pelotiqueiro*, reprovaram-lhe a criação que elle fizera do papel e, todavia, appareceu depois nas nossas praças publicas um vendedor de pastilhas, etc., perfeitamente identico ao typo que o artista puzera em scena.

Por occasião mesmo da representação, um francez que assistia ao trabalho do notavel artista, não pôde deixar de exclamar, commovido até as lagrymas :

— Meu Deus, como trabalha bem aquelle homem ! parece que estou no meu paiz.

A posteridade de João Caetano começou depois da vinda de Rossi e Salvini ao Rio de Janeiro.

Até então, foi elle „ objecto dos reparos e censuras dos seus contemporaneos e applaudidores “, como affirma um escriptor d’aquelle tempo ; „ principalmente no desempenho do papel de *Othello*, em que o responsabilisavam pela exaggeração dos impetos apaixonados, pelos gritos ou vagidos selvagens ou desentoados “.

Entretanto, quando essas celebridades dramaticas europeas, incontestavelmente artistas de um merecimento tal que a Europa inteira tinha sancionado com os seus applausos, quando elles representaram *Othello* no Rio de Janeiro,

e aquelles mesmos que haviam deprimido João Caetano, censurando-o, foram assistir ao desempenho dos distinctos actores estrangeiros e, talvez arrependidos, murmuravam no theatro :

— Oh !... já vimos isto mesmo ...

Havia comtudo uma differença vantajosa para o nosso actor : — Salvini e Rossi tinham-se feito n'um *meio* civilisado, tinham tido estudos valiosos, mestres importantes e um publico instruido e imparcial para julgal-os ; João Caetano só tivera por si o seu muito amor á arte, a sua intelligencia, o seu *genio* que tudo adivinhava.

Não é de hoje que os autores dramaticos importunam os empregarios de theatro, armados da falsa supposição de que tudo o que produzem é muito bom para ser representado; o empregario consciencioso que não lhes attende, por ver que a peça não lhe dá resultado, passa por ignorante e malvado.

Um facto que prova a nossa asserção é o seguinte, passado com João Caetano :

Um dia José de Alencar chegou á casa do artista e entregou-lhe um trabalho para elle ler e representar : — era o seu drama — *O Jesuita*.

Depois de ler a peça e á conselho do seu compadre e amigo João Pereira Barbosa, João Caetano mandou no dia se-

guinte uma carta á Alencar, participando-lhe que, em vista de muito trabalho com outras peças que estava montando, não poderia tomar parte no seu drama, porém que ia pol-a em ensaios.

José de Alencar zangou-se com a resposta, que era um desmentido á sua expectativa, isto é, de fazer João Caetano o papel principal da sua peça e mandou buscar o seu drama, começando desde então á hostilizar o artista, alcançando até a retirada da subvenção que o governo dispensava á esse genio da nossa scena.

O valor litterario do *Jesuita*, não tolda uma linha sequer do horizonte estrellado em que fulgura o nome glorioso do chefe da nossa litteratura.

O seu merito, porém, dramatico, a previsão de insuccesso que tivera João Caetano, disse-o o acontecimento de 1875, dado no theatro S. Luiz, quando ahi funcionava a companhia dirigida pela intelligente actriz Ismenia.

Esses factos que ahi ficam previnem de algum modo o leitor á acompanhar-nos através da vida desse *principe do palco*, como judiciosamente foi appellidado.

BIOGRAPHIA

Ha individualidades de tamanha grandeza, que enchem o seculo em que nasceram, que se impõem á historia da sua patria e cujo valor é aquilatado por seus proprios contemporaneos.

Neste caso está João Caetano dos Santos.

A imprensa, sua contemporanea, que dedicava folhetins á actores quasi sem merito, no dia em que se enterrava o primeiro artista dramatico brasileiro e sobre a sua morte, como já o havia praticado em sua vida, não disse mais do que a phrase banal de uma noticia obrigada.

E todavia acabava de tombar o mestre, baqueava para sempre a realza do nosso theatre, deixando no coração de todos a dolorosa certeza de que jamais ou muito tarde vulto semelhante viria sombrear-lhe o nome.

Carlos Magno era representado tendo o Globo em uma das mãos; João Caetano tinha n'alma o santo amor da sua arte: elle desaparecendo, era como a cupola do grande edificio que se abatia; e á proposito da sua morte póde-se repetir o

que em identicas circumstancias foi proferido quando falleceu D. Manuel de Assis Mascarenhas: — „E' uma cadeira que vaga para sempre no senado “.

O nome de João Caetano ligou-se a factos impereciveis e só poderá obliterar-se da imaginação do povo brasileiro, no dia em que o Brasil for apagado da face do mundo.

Era uma alma grande e um coração generoso e, sabendo ser amigo para proteger, sabia ser nobre para agradecer.

Do marquez de Paraná, fallecido, então Honório Hermeto Carneiro Leão, recebeu elle inequivocas provas de amizade, sendo o artista chamado por occasião da morte do marquez, que lhe morreu nos braços, deixando-lhe como lembrança particular de muita consideração a sua caixa de ouro, para rapé, que sempre o acompanhára em seu uso e que tinha a firma de S. M. Imperial.

Tambem, tendo João Caetano, protegido por Honório Hermeto, presidente da provincia do Rio de Janeiro, reconstruido o theatro Santa Thereza, em Nictheroy, de cuja pintura foi encarregado o Sr. Antonio José Areas, depois seu discipulo e amigo, que gratuitamente se prestou a esse trabalho, mandou collocar sobre a tribuna presidencial o nome, por extenso, do seu sincero protector e amigo: — *Honório Hermeto Carneiro Leão*.

Mais tarde, um outro presidente, por vaidade ou não sabemos porque outra idéa, quiz collocar o seu nome em substituição ao que existia já, a pretexto de que era aquelle camarote a tribuna da presidencia e o presidente era elle; ao que observou João Caetano:

— Realmente, a tribuna pertence á presidencia, porém o nome que sobre ella se acha é de um amigo a quem respeito e sou grato e não estou de accordo na sua supressão

oppondo-me mesmo com todas as minhas forças, caso isso seja necessario.

Isto prova a independencia de character d'aquelle artista orgulhoso, mas de um orgulho tão nobre quão nobres eram as suas acções.

Um outro facto mais importante corrobora o que acabamos de narrar.

No dia em que chegou aqui a noticia do fallecimento de Pedro V, á quem João Caetano era summamente agradecido, ensaiava elle o espectáculo que á noite deveria de ser honrado com a presença de S. M. Imperial.

Assim que elle soube da triste nova, chamou o seu amigo inseperavel João Pereira Barbosa e disse-lhe :

— Mette-te n'um carro e vai á Praça do Commercio saber se é exacta tal noticia.

De volta da commissão, o Sr. Barbosa disse-lhe que constava, porem que não havia noticia official; ao que João Caetano respondeu-lhe :

— Vai ao Consulado e indaga do que ha.

Indo o Sr. Barbosa ao Consulado e voltando com a resposta de que só ás 3 horas da tarde poderia saber com certeza, João Caetano chamou o bilheteiro e ordenou-lhe que suspendesse a venda dos bilhetes até segunda ordem.

Terminado o ensaio, dirigio-se João Caetano á sua residencia, triste e preocupado e ás 3 horas pedio á seu amigo Barbosa, que o acompanhara, o favor de ir buscar a sua tranquillidade com um desmentido á noticia que corria ou o seu soffrimento com a justificação fatal.

O Sr. Barbosa foi ao Consulado e infelizmente só pôde ser o portador de má nova.

João Caetano, extremamente penalizado, ordenou immediatamente que se fechasse o theatro, pois, elle não daria espectáculo.

Sendo-lhe então notada a inconveniencia de tal transferencia áquella hora, elle observou que inconveniente seria um homem de bem perder o direito de se considerar como tal e que o acto que elle praticava era um dever de honra.

Seu coração estava sempre aberto aos impulsos de commettimentos elevados.

Um dia chegou-se á elle um individuo portuguez, que desejava seguir para a sua patria, visto achar-se muito doente e querer terminar a sua vida ao lado de seus parentes.

Esse infeliz já tinha tentado obter passagem, pois, era muito pobre, por intermedio do seu respectivo consul, porem este negara-se ao que era quasi de sua obrigação fazer.

O artista com a séria affabilidade do seu genio generoso, apertando-lhe a mão, disse-lhe que fosse descansado, porque obteria o dinheiro preciso para se transportar para o seu paiz natal.

E preparando um beneficio, passando elle mesmo parte dos bilhetes, pagou aqui a passagem do desditoso enfermo e entregou-lhe o saldo do espectáculo, levando-o até a bordo, onde despedio-se do cidadão portuguez, desejando-lhe feliz viagem.

Foi em 1808.

O Rio de Janeiro sob a influencia de uma nova vida que recebia do estabelecimento da côrte vinda de Portugal como sequito de D. João VI, transformava-se em todos os seus ramos de movimento. Crearam-se repartições para regular o commercio, tribunaes para a adminstração da Fazenda e da

Justiça, organisou-se um Banco Nacional, fundaram-se academias para a marinha e exercito, eschola medico-cirurgica e montou-se a imprensa regia.

Sciencias e letras erguiam-se e teriam necessariamente os seus representantes; era justo tambem que a arte participasse da festa de renovação social, e a 27 de Janeiro desse anno, abriu os olhos á luz o futuro primeiro artista dramatico brasileiro: nasceu nesta côrte João Caetano dos Santos.

Seos progenitores chamaram-se, paterno, o capitão de ordenanças João Caetano dos Santos; materno, D. Joaquina Maria Rosa.

A criança fez-se menino, o menino achou-se um dia rapaz e como tal por influencias de *meio*, alistou-se como cadete no batalhão do Imperador, servindo á patria durante alguns annos. Em toda a sua carreira militar, mereceu sempre os elogios e a estima, tanto de seus chefes como de seus camaradas. Por occasião da guerra Cisplatina, João Caetano dos Santos em honra á farda que briosamente vestia, nunca desmentio a sua coragem nessas campanhas do sul, prestando ao paiz em que nascêra, serviços relevantes a merecer do venerando general que se chamou Duque de Caxias, que muito o presava, a seguinte phrase de animação:

— Continúe a pcceder assim e conquistará as dragonas de official.

O tinir das espadas, o entusiastico rufar dos tambores e todos os arrebatamentos dos triumphos militares, não eram entretanto o que tumultuavam n'aquelle cerebro prenhe de elevadas aspirações.

De braços abertos no futuro, esperava-o campo mais vasto, arena mais bella e Thalia no retiro da sua meditação, colhia as flores perfumosas com que corôal-o-hia mais tarde.

E assim foi.

Mas não precipitemos os acontecimentos.

Desde a mais tenra idade, João Caetano sentia-se bem na alegre familiaridade de um palco, amava a arte, admirava os verdadeiros artistas, sonhava, enfim, os deslumbramentos do bello.

Os genios são assim.*

Tambem Napoleão, a alma de bronze, talhada para affrontar todas as peripecias da vida, por uma gloriosa coincidencia, nascera sobre um tapete, cujos desenhos representavam uma batalha, a sua pupilla sempre se dilatava á fulgida luz vomitada pelos canhões.

Assim como o sol de Austerlitz marcou em uma geração a pagina de ouro de uma grande victoria, a *Gargalhada* foi uma aurora que se levantou no céu da nossa arte dramatica.

A idéa do bello estava na alma de João Caetano, como a estrella no céu e apezar da tenaz opposição de seus pais, dos amigaveis conselhos de seus parentes, das judiciosas observações de seus amigos, a tendencia irrompeo franca e impetuosa da coração desse Talma brasileiro e João Caetano, despindo a honrosa farda de militar cobrio-se com o regimento da arte.

Era tão arrebatado o seu amor pelo theatro, que não só desempenhava em theatrinhos particulares os papeis de galan, como juntava-lhes ainda o encanto dos papeis de dama.

E satisfactoriamente os desempenhava, visto que na phrase do finado Dr. Macedo:

„ Era um joven verdadeiramente bello, cuja voz tinha o poder da musica, a exprimir sentimentos, e a natureza lhe

dera rosto realmente bello, olhos onde radiavam todas as paixões imaginarias, formosa bocca, dentes alvejanates iguaes e lindos, corpo perfeitamente talhado e elegante, voz que era suave e insinuante, em sereno sentimento, murmurio de somnolento arroio em doçuras, trovão horrivel em tempestades do animo, musica expressiva, musculos faciaes moveis, trementes, convulsos á mercê da vontade, elle tinha tudo; só lhe faltava ensino e arte. “

Apadrinhado pela natureza, impellido pela vocação que lhe fervia dentro do peito, desconhecido e só, á 24 de Abril de 1827, engajou-se João Caetano, como galan em uma desarvorada companhia dramatica na parochia, que depois se chamou Villa de Itaborahy, e *Carlos* seu papel de estréa no drama *Carpinteiro da Livonia*; foi um triumpho.

Dous poderosos auxiliares deram azas a prodigiosa natureza sem arte de João Caetano: foram elles os poetas brasileiros Domingos de Magalhães, Visconde de Araguaya e Manoel de Araujo Port’Alegre, Barão de Santo Angelo, hoje fallecidos.

A esse artista que não tinha instrucção alguma, lia mal e escrevia peor, quasi nada sabia, mas quasi tudo facilmente adivinhava, dessas duas columnas brancas da litteratura brasileira, escreveu o primeiro em um album os seguintes, entre outros versos:

Os vãos de Talma com que tu sonhas,
Ovante segue, escurecendo a inveja,
Que já nem ousa disputar-te a gloria!

O joven artista surprehendido com o magnifico acolhimento que lhe fizeram, ergueu orgulhoso o fronte, fitou

resoluto a estrella que o illuminava e dirigindo-se ao theatro de Nictheroy abrio ali uma assignatura de dez recitas que foram baptisadas com os seguintes nomes: *Othello, Antonio José, Catharina Howard, Torre de Nesle, Desertor francez, Akmek e Rakima, Faye, Oscar o filho de Ossian, Aristodemos, Ultima assembléa dos condes livres.*

Todas essas creações não desceram um gráo no merecido conceito em que era tido o artista.

Seus braços, porem, precisavam de mais espaço, sua voz de mais atmosphaera e o theatrinho de Nictheroy, não era ninho sufficiente para aquelle condor, já coberto de tão variegadas pennas.

Terminara a experiencia, tinha de caminhar seguro pela recta que o seu destino havia aberto com luz e que o futuro tapetaria de louros.

O theatro S. João, depois Constitucional Fluminense, mais tarde S. Pedro de Alcantara, nome do padroeiro do Imperio e nome do monarcha do segundo reinado, foi o eleito pela sorte para abrigar em seu seio essa magestade do talento que principiou ali a perceber o ordenado mensal de trinta mil reis

Trabalhava por esse tempo nesse theatro uma empresa portugueza e como alvorotados andavam então os animos politicos, João Caetano não encontrou n'aquella empresa o acolhimento que esperava.

Desconhecendo as suas aptidões scenicas, foi-lhe confiado no drama *D. José II, visitando os carcerees*, um papel de velho em que o genio artistico do joven galan, teve de contrafazer-se, o que, a despeito de tudo, ás primeiras palavras que proferio, á verosimelhança que dera ao perso-

nagem que lhe fora distribuido, quando appareceu em scena transformado no velho Edmundo que envelheceu nas prisões, o povo saudou-o com bravos e palmas e acolheu-o ao som ruidoso dos applausos.

Coube-lhe ainda na farça *O chapéo pardo* o papel de Manuelinho.

Não era João Caetano actor de genero comico; mas como escusar-se ao estudo de papeis que lhe destinavam? Não necessitava viver do theatro, não desejava, cioso de gloria, apparecer mais vezes no palco, para alcançar applausos e gabos?

Entrou na farça e em cada scena obteve um triumpho; o povo festejou-o e considerou-o artista notavel.

Lavrava, porem, a discordia e o ciume entre os actores: João Caetano tinha contra si os seus proprios collegas, pelo que teve de despedir-se do palco em que pisava.

Começou para o neophyto uma verdadeira peregrinação artistica; e, tendo de calcar no peito o impeto das suas nobres aspirações, de resistir ao impulso que o encaminhava para a gloria, forçado pela necessidade, espargio a luz de seu genio por diversas localidades, como o theatrinho da rua dos Arcos e outros.

Ha porem sempre mão generosa que ampara o infeliz na noite do seu soffrimento e quando as almas grandes chegam á vespera do desanimo, fulge no céo a luz bemdita da animação.

A idéa que sempre trabalhava no cerebro de João Caetano, era a arte nacional e atravez das torturas que experimentava por entre os tumultuosos pezares da sua vida de artista, era o theatro brasileiro o ponto luminoso fulgindo sempre no horizonte das suas tentativas.

Era essa a sua esperança, o sol de todos os seus dias e embora se abراسasse nelle, fitava-o sempre, procurando total-o.

A força de trabalho reunio a si alguns artistas de merito e creou uma companhia composta do seguinte pessoal brasileiro :

João Caetano dos Santos, Francisco de Paula Dias, João Antonio da Costa, José Romualdo, Joaquim Nostardo de Santa-Rita, Jordão, Quintanilha, José Moreira, José Carlos, José Pedro, José Fluminense, D. Estella Sezefreda, D. Antonia Borges, Manoel Luiz (ponto).

Armado destes companheiros, garantido pela sua persistencia trabalhosa e pela sincera protecção dispensada por Honorio Hermeto Carneiro Leão, depois Marquez de Paraná, conseguiu reconstruir o theatro de Nictheroy, tornando-o mais espaçoso e mais elegante e terminada essa ardua, mas gloriosa tarefa, fez a sua inauguração com o drama *O principe amante da liberdade ou independencia da Escocia*, a 2 de Dezembro de 1833.

Foi essa a primeira companhia dramatica nacional.

Entre os muitos que possuia, este merito jamais alguem conseguirá desmentir : — a iniciativa do nosso theatro.

Com a grandeza d'alma que lhe era propria, á elle cabe a felicidade de ter fraternisado os primeiros actores nacionaes, soprando-lhes n'alma a idéa da união, fixando-lhes um ordenado, o que até então com difficuldade elles obtinham, afim de levantar-os do estado lastimavel em que se achavam, prevenindo-lhes o bem-estar, visto que esses filhos da alegria andavam sempre em mortificante estado monetario, o que lhes sombreava a frente, pois que não encontravam trabalho nos diversos theatros da cõrte.

Foi essa uma phase luminosa, que para João Caetano e seus companheiros rasgara-se no theatro de Nictheroy.

Os seus estudos e a sua vocação crearam-lhe um throno na admiração desse povo, que phreneticamente sagrou-o principe da scena.

Diversos foram os modos que empregou o povo Nithe-rohyense para saudar o sol da arte dramatica nacional; um delles foi uma medalha de ouro, tendo de um lado a seguinte inscripção: — A João Caetano dos Santos; e do outro: — Ao Talma do Brasil, a fama, a gloria.

O espirito sequioso de João Caetano aspirou essa brisa fagueira de saudações, os pulmões fartaram-se de ar puro e, ambicionando as palmas da capital, que já havia recebido, persuadio á diversos seus amigos da construcção de um theatro na rua do Vallongo, depois da Imperatriz. A idéa germinou, o theatro ergueu-se e, o mesmo drama com que elle abrira o theatro de Nictheroy, em 1833, *O principe amante da liberdade*, exhibio-se á curiosidade dos fluminenses.

O theatro era situado ao lado direito da rua, de quem se dirige do largo da Imperatriz, e tinha tres ordens de camarotes.

Cruel, porem, foi a sua decepção, rude foi o golpe vibrado pela mão desse publico com quem elle tanto contava.

As continuadas vasantes, a falta de dinheiro para sustentar a empreza, obrigaram-n'o a retirar-se para Mangaratiba e Angra dos Reis, onde deu algumas representações que lhe trouzeram os louros e os avantajados lucros que tanto lhe haviam escasseado na Córte. D'ahi regressou elle de novo ao theatro do Vallongo, deixando-o, porém, pouco depois, visto ter alugado ao Banco do Brasil o theatro S. Pedro de

Alcantara, onde deu principio a seus trabalhos pondo em scena o drama — *A expulsão dos Hollandezes*.

A' limpidez de uma nova aurora começavam-se á desfazer-se as sombras da noite que até então atravessava o perigrino.

A sua individualidade artistica accentuou-se e a *Torre de Nesle*, *Catharina Howard*, *Seis de graus do crime*, *Hamleto*, *Kean*, *D. Cesar de Basan*, *Antonio José*, *Othello* e outros dramas e tragedias, foram tantas coroas de louros, tantas ovações e tantos triumphos que lhe vieram cahir aos 'pés, quantas foram as vezes que pelo genio foram exhibidas.

A victoria por elle alcançada no desempenho de todas essas peças, cabia tambem em parte á Estella Sezefreda dos Santos, que na autorisada apreciação do fallecido Dr. Joaquim Manoel de Macedo „foi a estrella do theatro da escola romantica no Brasil.

João Caetano admirando-lhe o bello talento, sentio necessidade daquella bella porção para completar-se.

Diz-se que, ao menos nos primeiros annos, Estella costumava fazer a primeira leitura á seu marido dos papeis que este se propunha á desempenhar e que com a delicadeza feminil mais apurada, com geitosa dissimulação nesse ler de artista insinuava em accentuações e em expressões de sentimento conselhos disfarçados e generosos ao esposo, cujo orgulho se revoltava á mais leve idéa da menor duvida sobre os milagres do seu genio dramatico.“

Essa revolta de seu orgulho era um nobre ponto de contacto que nivelava o artista brasileiro com o primeiro actor dramatico francez, seu contemporaneo, o grande Frederick Lemaître.

Tendo o Banco do Brasil de liquidar-se, foi o theatro de S. Pedro levado á praça e passou o edificio a ser propriedade dos Srs. Manoel Maria Bregaro e Joaquim Valerio Tavares, que o arremataram.

Sempre incansavel, cada vez mais valente quanto maior era a derrota, ainda desta vez João Caetano não desanimou; e obtendo da Assembléa Provincial de Nictheroy loterias para a construcção de um grande theatro, foi a sua pedra fundamental lançada na rua do theatro, esquina da rua d'El-Rei.

Assentaram-se os alicerces, levantaram-se as primeiras paredes, mas a construcção do edificio foi suspensa, porque a cidade que apenas nascia não poderia compensar os trabalhos de tamanha concepção; revertendo as loterias já concedidas em favor do theatro que mais tarde se denominou de Santa Thereza.

Passava-se isto em 1838 e João Caetano dava os seus espectaculos no theatro S. Januario.

Em Outubro começaram no theatro S. Pedro de Alcantara os trabalhos de restauração e a 7 de Setembro de 1839 foram de novo suas portas franqueadas ao publico com a representação da tragedia *Olgiato*.

A pintura do edificio foi confiada ao artista Olivier e o panno de bocca á Manoel de Araujo Porto Alegre, representando de um lado a barra do Rio de Janeiro e do outro a ignorancia e a rotina afugentadas pelo anjo das bellas artes.

Emquanto isto se dava, a administração do theatro S. Januario annunciava a 23 de Setembro de 1839 que havia feito aquisição do primeiro actor João Caetano dos Santos, o qual estreou a 29 do mesmo mez na tragedia *Nova-Castro*.

Eis em sua integra, que por curiosa transcrevemos aqui

„ RECITA GERAL

Apenas terminar uma escolhida ouvertura, abrirá a scena para a representação da optima e sempre bem recebida tragedia em 5 actos, intitulada :

NOVA CASTRO

O primeiro actor João Caetano dos Santos representará pela primeira vez neste theatro, desempenhando na tragedia o magnifico character do Principe D. Pedro.

O mesmo actor alcançando de dia em dia novas e decisivas provas de afeição com que o illustrado publico se digna honral-o, não tem expressões para significar-lhe o seu reconhecimento : mas possui um coração agradecido votado á tudo quanto seja satisfazer-lhe e agradar-lhe. “

Bons tempos e ainda melhores costumes.

A *Nova Castro* é uma peça que gravou-se na imaginação daquelles que a assistiram e como de alguma sorte a sua lembrança prende-se á recordação do grande actor, não podemos passar em claro alguns topicos da apreciação do espectáculo, que fez um jornal dessa epocha, tratando de analysal-o.

„ A noite de domingo passado foi escolhida para primeira representação ou usando da linguagem theatral, para *debut* do Sr. João Caetano. A tragedia *Nova Castro* foi designada para esse fim e os amores e as furias de D. Pedro pela infeliz e desventurada Ignez de Castro acharam no actor fiel interprete. A Sra. Ludovina Soares fez a parte de Ignez ; era um desafio, a quem ficou a victoria ?

Ambos venceram, ambos alcançaram dos numerosos espectadores applausos bem merecidos e conscienciosos.

Quem poderá descrever todos os esforços do Sr. João Caetano, quem poderá pintal-o, ora terno, patenteando o seu amor nos braços da virtuosa consorte, ora furioso e irado, pelas ameaças que á metade de sua alma faz o rei seu pae, desconhecendo a autoridade paterna, blasphemando contra a natureza, ora arrependido curvando-se ante o pae que insultara e finalmente todo vinganças ameaçando, declarando guerra ao mundo inteiro? O Sr. João Caetano foi sublime: sua recitação natural e cheia de sentimento nada deixou á desejar e ninguém desconheceu todos os progressos que tem feito este actor insigne e apreciavel, comparando-o com o actor que era ainda não ha um anno. *D. Pedro* está tão longe de *Othello*, que ainda os menos entendedores da arte dramatica notaram a grande differença que vae de um a outro. A razão é clara, em *D. Pedro* o Sr. João Caetano foi toda natureza sem bastardia da arte, em *D. Pedro* abandonou-se á seu genio e o actor arrancou ainda dos mais indifferentes bravos e palmas: em *Othello* o Sr. João Caetano não era elle mesmo, era um homem amoldado pela arte, peado por certas regras que encontram á natureza e os entendedores reprovaram a affectação e artificio de que o actor não precisa para agradar, para excitar a admiração dos seus proprios contrarios, para arrancar lagrimas aos homens mais estragados pela moderna escola.

Interpretes dos estrondosos applausos do publico, uma coroa e uma palma vieram cahir aos pés de João Caetano. “

Já em 1839 se fallava no gosto estragado pela moderna escola!

Entretanto era apenas uma previsão ainda das operetas livres, dos esgares immoraes, da desordem em que vemos hoje cahido o nosso theatro.

Autores e actores não são todavia os unicos culpados.

No cerebro dos primeiros permanece inalteravel a branca figura do ideal, na consciencia de muitos dos segundos suffoca o sentimento do dever na atmosphaera pesada da necessidade que elles têm, para viver, de servir a um publico que, ou não sabe ou não quer comprehendel-os.

Melhores dias virão e é de crer que na reforma geral a todos toque um pouco de aperfeiçoamento.

D'ahi voltou João Caetano a fazer parte da companhia que funcionava no theatro S. Pedro e a 22 de Dezembro desse mesmo anno appareceu em scena, desempenhando o papel de *Orosman*, na tragedia de Voltaire — *Zaira*.

Das juncturas, porem, do palco levantam-se de ordinario discordias e ciumes, que tão fataes são á vida dos actores.

Foi o que ahi se deu.

Irritado por desintelligencias que vergontearam á sombra dos bastidores, acabrunhado, João Caetano retirou-se do theatro S. Pedro e na peregrinação em que andou pelos theatros do Vallongo e da Praia Grande, concebeu a idéa de reedificar o theatro S. Francisco, que em 1832 fora por um francez contruido para uma companhia franceza, particular; o actor brasileiro com a força e dedicação de seu genio artistico fez desse edificio, que apenas constava de uma varanda, com uma porta larga de entrada, um theatro com duas ordens de camarotes, adornados com apurada elegancia, o qual abriu-se á concorrência publica á 22 de Maio de 1841, com o drama de Mendes Leal, intitulado: — *Os dous renegados*.

Nessa noite S. M. o Imperador tinha de comparecer ao espectaculo, porem ás 7 horas da noite mandou participar que não podia assistir á representação.

O theatro que se tinha arreiado de galas para festejar a entrada do soberano, foi apenas o scenario dos applausos ao empresario, distribuindo-se por essa occasião uma poesia dedicada á princeza D. Francisca, composição de Paula Brito.

Este theatro, que a principio se chamara S. Francisco de Paula, tomou depois o titulo de Gymnasio Dramatico, em 12 de Abril de 1855, sob cujo titulo acaba de desaparecer.

Foi ahi que appareceram os primeiros dramas da escola realista, que o gosto pela litteratura dramatica começou a manifestar-se, onde foi inaugurada a Imperial Academia de Opera nacional e onde, finalmente, João Caetano appareceu nos melhores dramas de seu repertorio.

No periodo comprehendido entre 1842 e 43, tinha João Caetano sob sua direcção os theatros S. Francisco de Paula e o de Santa Thereza, de Nictheroy.

Nessa occasião trabalhava no Rio de Janeiro uma companhia dramatica hespanhola, dirigida por D. José La Puerta.

No repertorio de La Puerta vinha o drama — *A gargalhada* —, onde tanta celebridade conquistou mais tarde João Caetano.

Depois de ter sido por essa companhia representado em hespanhol, os admiradores desejando apreciar-o, pediram a João Caetano para represental-o em portuguez.

O actor brasileiro sentio-se lisongeadado por essa escolha que faziam delle para o desempenho de papel tão importante, e dirigindo-se ao artista hespanhol, pedio-lhe permissão para representar o seu papel.

Bondosamente accedeu o distincto estrangeiro e João Caetano, com aquelle terror nelle natural sempre que se tratava de um papel novo, segundo nos affirmam artistas seus contemporaneos, começou os ensaios da peça.

A sua superstição chegava mesmo a persignar-se todas as vezes que tinha de entrar em scena.

Conforme sesabe, João Caetano era muito religioso.

Preparada a peça, subio ella á scena na noite de 17 de Maio de 1843. O theatro achava-se litteralmente cheio, contando-se nessa multidão o actor hespanhol La Puerta, jornalistas, litteratos e artistas de outros theatros.

Pouco antes de entrar na scena capital do drama, quando *André* é surprehendido por *Estevão*, seu patrão e accusado de roubo, João Caetano passeava agitadamente pela caixa do theatro, repetindo a todo o momento ao contra-regra que não se esquecesse de prevenil-o, de chamal-o quando chegasse a occasião, emfim, dando todos os indicios de uma enorme superexcitação nervosa e sob tal agitação proferio elle as primeiras palavras em scena.

O successo, porém, foi immenso, no momento em que elle soltou essa gargalhada de louco, até hoje ainda por ninguem imitada.

Quando o panno cahio, La Puerta e um medico amigo de João Caetano correram ao camarim do artista, crentes de que o encontrariam com uma arteria arreventada.

Qual, porém, não foi o seu pasmo ao encontrarem-n'o simplesmente fatigado a descansar sobre uma poltrona ?!

Ahi todavia não parou a admiração pelo talento unico desse genio do palco brasileiro, que excitava a inveja de todos os seus contemporaneos, indo além de toda a expectativa.

Em todo o terceiro acto o seu trabalho era superior á quanto póde conceber a mais bizarra imaginação.

Ao cahir do panno foi elle chamado á scena e entre todas as demonstrações de apreço que recebeu, vio cahir em seus

braços o notavel artista hespanhol, D. José La Puerta, exclamando n'um só arroubo de enthusiasmo:— Meu mestre!

A peça nada vale em si, a sua urdidura concebe-a qualquer menino de escola, seja dito sem desrespeito ao autor, mas o talento com que fora concebido e reproduzido o typo principal, que foi expressamente escripto para o grande artista francez Frederick Lemaître, mereceu de todos que tiveram a fortuna de vel-o, inclusive o proprio autor que, mais tarde de passagem neste paiz teve occasião de admirar-o, elogios; não merecendo, entretanto uma palavra de estímulo, um só applauso da imprensa diaria daquella epocha, que thuribulava todavia mediocridades sem valor, esquecendo-se do seu dever na omissão que fazia do artista tão merecidamente applaudido.

Sobre este assumpto voltaremos mais tarde.

A victoria do notavel artista não parou aqui, teve a satisfação de receber o collega hespanhol que lhe pediu para representar o papel de *Othello*, afim de poder mais uma vez admirar-lhe o talento nessa bella creação.

Inutil é dizer que o successo foi igual ao da *Gargalhada*.

Corria o anno de 1843 e aproximando-se o casamento de S. M. o Sr. D. Pedro II, a empreza do theatro S. Pedro querendo solemnisar tão fastoso acontecimento, convidou, visto que assim o determinara José Clemente Pereire, ministro da guerra na occasião, exigindo que a companhia de João Caetano fizesse parte do festejo, a empreza, dizemos, convidou a companhia do S. Januario para, reunida á ella, darem o espectáculo de gala festejando esse consorcio.

Accedeu o artista nacional ao chamamento e a 11 de Setembro desse anno subio á scena o drama *Triumpho de Trajano*, em que elle tomou parte.

Terminada a festa, estava findo o seu compromisso e elle retirou-se para o seu theatro.

Até 1850, trabalhou João Caetano nos dous theatros S. Januario e Santa Thereza, em Nictheroy.

Em Outubro desse anno, achando-se de passagem nesta côrte o distincto litterato francez Jacques Arago e tendo de partir para a Europa á 19 do mesmo mez, pediu á João Caetano o prazer de representar-lhe a *Gargalhada*, drama de sua composição, o que teve logar na noite de 18, no theatro de S. Januario.

Nessa noite, assim que appareceu o autor no primeiro camarote da primeira ordem á direita da scena, foi estrondosamente saudado. A' esse estrondo seguiu-se um profundo silencio, viva curiosidade se manifestou em todos os semblantes, os espectadores de toda a sala puzeram-se de pé e descobriram-se, apenas o venerando cego visivelmente commovido mostrou desejos de fallar.

A sua allocução, que textualmente reproduzimos, foi a seguinte :

„ Messieurs, Mesdames, Brésiliens, je veux dire, mes amis !

L'accueil que je reçois de vous touche profondément mon âme ; mais je ne m'y trompe pas ; ce n'est pas moi que vous fêtez si glorieusement, c'est le nom que je porte, c'est cette brillante étoile d'or appelée François Arago, dont je ne suis, hélas ! qu'un obscur satellite... Merci pour mon frère, merci pour moi.

Si je ne me trompe encore, vous voulez fêter aujourd'hui ce talent si sympathique que vous applaudissez chaque jour avec tant d'enthousiasme, et que vous appelez João Caetano.

Merci pour lui.

J'avais cru jusqu'à ce jour que le cœur ne pourrait avoir qu'un seul autel, qu'une seule patrie ; je m'étais trompé. Le cœur est citoyen de l'univers ; et désormais je ne séparerai point Paris de Rio-Janeiro... encore et toujours, merci. "

Novos e estrondosos applausos acolheram estas poucas palavras pronunciadas com entusiasmo, com todo o accento da sinceridade.

Assim que João Caetano entrou em scena, foi alvo de igual manifestação, sendo recebido com demoradas palmas e retumbantes bravos, associando-se sempre Jacques Arago á essas saudações de subido apreço em que era tido aquelle genio dramatico.

Emquanto durou a representação as vistas de todos desciam do distincto litterato á correcta individualidade do artista, para de novo altearem-se ao camarote em que se achava o venerando autor.

Os signaes que este dava de achar-se satisfeito ao conhecer que João Caetano comprehendera devidamente o papel, que desempenhava, eram o *mot d'ordre* para os vivos applausos dos espectadores, justamente merecidos e que dessa vez eram mais que verdadeiros, visto alli achar-se o juiz competente, certificando com a sua satisfação a fidelidade do trabalho artistico.

Terminado o spectaculo, não obstante o seu cansaço, tanto de corpo como de espirito, foi João Caetano chamado á scena e phreneticamente applaudido, sendo-lhe nessa occasião offerecida uma linda corôa de carvalho.

O grande genio correu ao camarote de Jacques Arago e, com essa abnegação, propria de um nobre coração, com o desinteresse das almas grandes, com a franca satisfação dos genios elevados, pediu licença para corôar o velho escriptor

que, recusando cavalheirosamente essa homenagem devida ao seu talento creador, á fulgida magestade de sua concepção, tirou apenas para si uma folha da corôa e, tacteando, corôou o artista, dizendo-lhe :

„ A' vós, como principe do palco, compete tão justa e merecida prova de distincção, que reverterá em gloria para o monarcha brasileiro. “

Inutilmente se tentaria descrever o que então se passou. Que phrase teria a força de exprimir tão tocante espectáculo?!...

O delirio tocou seu termo, o theatro estremeceu á explosão dos applausos, a pedido de Arago a musica tocou o hymno nacional e SS. MM. II., para que nada faltasse á gloria desses dous vultos, chamando-os á tribuna imperial, manifestaram-lhes o contentamento de que se achavam possuidos.

Em seguida João Caetano e sua companhia, acompanhados por grande numero de espectadores, levaram Jacques Arago até á corveta que devia largar ás 6 horas da manhã do dia seguinte, 19 de Outubro.

Annos depois, voltando Jacques Arago ao Brasil, aqui adoeceu, sendo tratado em casa do artista que elle tanto applaudira e onde falleceu, a despeito dos desvelados carinhos com que havia sido medicado.

No dia de sua morte, o ministro francez mandando a casa de João Caetano indagar do estado de saude de Arago, trouxeram-lhe a seguinte resposta :

„ O escriptor francez Jacques Arago acaba de fallecer nos braços do primeiro actor dramatico brasileiro. “

No theatro S. Januario, continuou João Caetano a trabalhar, onde representou *Othello*, *Gaspardo* ou *o pescador de Placencia*, *Theresa*, etc.

Depois de uma viagem que fizera ao norte do Imperio, contando ali por cada vez que appareceu em scena um triumpho, regressou á Corte, encarregando-se da empreza do theatro S. Pedro, cujos trabalhos inaugurou a 12 de Março de 1851, com o drama *Lázaro o pastor*, a que assistiram SS. MM.

Faziam parte dessa companhia, os seguintes artistas:

José Candido, Joaquim Augusto, Florentino C. Victoria, Francisco de Paula Dias, Antonio José Arêas, Thimoteo José Fernandes, Luiz Monteiro, Martinho Corrêa Vasques, João Antonio da Costa, Brochado, D. Estella, Clara Riccio-
lini, Gabriella De Vecchi e outros.

A' 8 de Agosto desse mesmo anno, representou-se em recita extraordinaria o drama *O Captivo de Fez*, em beneficio do actor João Antonio da Costa.

A's 3 1/2 horas da madrugada do dia 9, a sentinella do Thesouro vio fogo no theatro S. Pedro de Alcantara e deu immediatamente rebate.

Quando chegaram os soccorros e as autoridades, já o fogo tinha lavrado com immenso furor e quando se lhe ia dar o primeiro ataque, desabou o tecto do edificio com o horrivel estampido dessas medonhas catastrophes, arremessando as telhas a grande distancia.

Já era tarde, a consumpção era inevitavel. Procurou-se circumscrevê-la nesse reducto e salvar as casas da vizinhança.

Conseguiu-se sitiar o incendio no seu foco. Do que existia no theatro, salvaram-se sómente os livros do escriptorio, uma mesa que continha algum dinheiro e os moveis da sala de entrada do camarote imperial.

Nesse dia, 9 de Agosto, devia se discutir no Senado a desapropriação do theatro: o fogo pediu a palavra e encerrou a discussão.

João Caetano e a sua companhia seguiram para o theatro S. Januario, onde começaram a dar espectaculos a 17 do mesmo mez.

Reconhecendo, porém, a desvantagem de achar-se esse theatro a uma distancia que o tornava pouco concorrido, emprehendeu a reedificação do theatro S. Pedro, estabelecendo accionistas de camarotes e cadeiras por quatrocentas recitas, dando principio á obra com o dinheiro destas assignaturas.

Bastou um anno para tão ousada tarefa e a 18 de Agosto de 1852 elle, á frente de sua companhia, teve a satisfação de annunciar ao publico a abertura do theatro com o drama em 5 actos e 6 quadros de Léon Gozlan, intitulado : *O livro negro*.

Por occasião da representação, foi offerecida ao artista uma corôa de ouro esmaltada de folhas verdes cravejada de brilhantes.

Recitaram-se na mesma occasião varias poesias e tambem uma corôa de prata, uma grinalda e uma rosa lhe foram entregues pelos seus admiradores, que o saudavam em sua nova vida.

O concurso que frequentava essa noite era esplendido, Suas Magestades estavam presentes a essa festa theatral, que chegou a tomar o vulto de uma festa nacional.

O entusiasmo de todas as ordens de camarotes, annunciava-se de mil maneiras; lenços se agitavam nas mãos do sexo feminino, que concorria com a gentileza embellezadora da sua saudação; gritos, vivas, ovações, applausos, palmas e mil diversas e delirantes demonstrações, contiveram de pé durante muito tempo o artista coroadado, sem saber a quem responder nem para onde olhar; a confusão do prazer lhe tolhia os movimentos; perdeu quasi a palavra.

Ria e as lagrimas de alegria e de gratidão borbulhavam-lhe nas palpebras, endeusando-lhe a distincta physionomia.

Nessa noite, pôde-se quasi dizer, João Caetano constituiu-se o salvador do drama entre nós.

O imperador brindou-o com um alfinete de brilhantes e pelo theatro foi distribuido o retrato do artista, vestido com a toga dos romanos e coroado de louros.

Em 1853, recebeu João Caetano uma carta de Lisboa, enviada por seu discipulo e amigo, Antonio José Arêas, communicando-lhe a agradavel noticia de ter sido o seu mestre agraciado por S. M. Fidelissima com a commenda da ordem de Christo.

João Caetano nutria ardentes desejos de ir á Portugal ver de perto seus irmãos d'arte e receber da Europa a sanção do seu merito.

Contra a opinião de muitos e o mau juizo dos seus companheiros portuguezes de então, o artista brasileiro não era avesso aos actores que haviam nascido do outro lado do oceano.

Como prova indiscutivel do que affirmamos, temos o prazer de oppôr a carta que elle d'aqui escreveu, entre as muitas, a seu discipulo e amigo, o qual nos prestou a obsequiosidade de cedel-a, e que por sua permissão transcrevemos.

Eil-a :

„ Amigo Arêas,

Rio, 13 de Dezembro de 1853.

Não te escrevi pelo paquete de Novembro porque pretendia fazer-te uma surpresa. Tendo de receber de Nictheroy as prestações das loterias vencidas e por vencer por todo o tempo do meu contracto como empregario do theatro de

Santa Thereza, segundo uma lei que passou na Assembléa Provincial o que monta a 77:000\$000, tinha eu resolvido partir nesse 'paquete e ir sem ser esperado abraçar-te; porém, infelizmente adoeceu o presidente da provincia que tinha de executar a lei e o vice-presidente não querendo tratar senão de negocios de expediente não convocou Junta onde tem de se fazer effectivo o pagamento da referida quantia e isso impedio a que eu não executasse o meu plano e satisfizesse o meu desejo que a tanto tempo nutro de ir á Lisboa.

Hoje mesmo deu o presidente parte de prompto e breve terei a completa decisão do meu negocio; portanto tencionando partir no mais proximo paquete, peço-te que ahi te demores por mais algum tempo, pois, bem sabes de quanta utilidade será para mim a tua companhia nessa capital onde não tenho relações. Tu serás o meu guia, me encaminharás e me prestarás todas as informações, porque ninguem melhor do que tu as poderá ministrar! Desta vez o meu desejo será cumprido de me achar entre os portuguezes e ahi mostrar-lhes, segundo as minhas forças, o quanto lhes sou agradecido e affectuoso. Conto com mais este sacrificio de tua parte e peço-te que por mim agradeças ao illustre redactor da *Imprensa* a bondade com que tratou-me imprimindo na sua folha a verdade de todos os factos occorridos a meu respeito. Dize-lhe que pessoalmente pretendo agradecer-lhe.

Adeus, meu amigo. Recebe recommendações de Estella, das meninas, do Coronel Meraes e do nosso Leal.

Tua familia passa bem e sem necessidades.

Adeus; aqui fico saudoso suspirando por te ir vêr brevemente.

Teu amigo verdadeiro,
João Caetano dos Santos."

Em 1854 dirigio-se João Caetano ao Rio-Grande do Sul, sendo ahi recebido e applaudido como nenhum artista o havia sido nessa provincia.

Na noite em que representou pela ultima vez, recitou uma saudação aos Rio-Grandenses e foi acompanhado até a casa, ao terminar o espectáculo, ao som de festivas acclamações e á luz de archotes.

De volta á Córte e pouco tempo depois, teve o desgosto de presenciar o incendio do theatro S. Pedro, que ardeu á 26 de Janeiro de 1856.

O *Cassino Dramatico*, sociedade locataria do theatro S. Januario, de que faziam parte João Pereira Barbosa e Joaquim Loureiro da Costa Guimarães e outros, offereceu esse theatro á João Caetano para dar nelle as representações que quizesse com a sua companhia.

O governo permittio tambem que a companhia de João Caetano, depois desse fatal acontecimento, fosse aos domingos trabalhar no theatro Provisorio, hoje demolido.

Instantes depois de começado o incendio, só restavam as quatro paredes isoladas do edificio e no centro um montão de ruinas. Alem de outros objectos de preço que a voracidade do incendio não respeitou, foram consumidos um museu de passaros, diversos objectos curiosos e muita madeira aparelhada para construcção de diversos predios do artista João Caetano, em Nictheroy e a qual elle havia mandado recolher ao porão do theatro.

Prestes a colher o fructo dos seus esforços e trabalhos, visto quasi findas estarem as recitas dos accionistas, o artista brasileiro vio desvanecerem-se as suas esperanças e em poucos instantes destruiram-se os seus cabedaes.

Quando teve logar o incendio, quando a lugubre voz dos sinos annunciou tão doloroso acontecimento, que as sombras da noite fugiam espavoridas ao tetrico clarão das chammas impiedosas, o nosso primeiro actor dramatico sahio precipitadamente apenas vestido de um rodaque branco, chinelas vermelhas e chapéo do Chile e abatido contemplava a destruição do predio, quando o marquez de Paraná, que viera ao toque de rebate, batendo-lhe no hombro, disse-lhe :

— Está gostando de ver aquella fogueira?...

E notando o semblante acabrunhado do artista travou-lhe do braço e, seguindo com elle, soprou-lhe esta phrase de consolação :

— Não se inquiete, levanta-se outro.

A fatalidade não conseguiu abater a força de vontade desse eterno sonhador do ideal; a sorte mostrava-se adversa, mas a sua victima não succumbia.

O golpe foi rude, mas á despeito de tudo, dessas quatro paredes unicas que restavam, o esforço e a coragem do trabalhador perseverante tinham de fazer com que ellas, já tendo por tres vezes resistido ao calor e á vehemencia das chammas, fechassem-se ainda em cupula, formando o templo consagrado ás artes.

João Caetano multiplicou-se, afadigou-se, empenhou os seus trabalhos por doze annos, conseguiu reunir accionistas com o goso de camarotes e cadeiras por esse tempo, deu principio ás obras e em nove mezes o theatro affrontava as inclemencias da sorte.

A' 8 de Janeiro de 1857 eram abertas ao publico as portas do magestoso theatro, com a representação do drama *Affonso Prieto*, no qual tomaram parte os artistas :

João Caetano, Motta, Almeida, Manoel Soares, De Giovani, Martinho, José Luiz, Lisboa, Timotheo, Ramos, Juvencio e DD. Ludovina, Jesuina De Giovani, Gabriella, Ricciolini.

SS. MM. honraram o espectáculo com a sua presença.

O artista João Caetano recebeu uma solemne ovação como recompensa dos seus esforços, da coragem com que se houve nas duas catastrophes que successivas e imprevistamente o feriram.

Recebido á sua entrada em scena com muitas palmas, foi, ao findar o drama *Affonso Prieto*, chamado á scena e coberto de flores e de applausos.

Offereceram-lhe nessa occasião os seguintes mimos:

Em nome da Associação Nacional dos Artistas, uma magnifica corôa de louros.

Pela Sociedade Auxiliadora das Artes Mechanicas, um ramo de flores de pennas e insectos, delicado trabalho.

Ainda pela Associação Nacional dos Artistas, uma medalha de ouro esmaltada, presa a uma fita de chamalote verde e amarella.

Pelos estudantes da Escola Central, um rico album e um outro pela Maçonaria, da qual era membro João Caetano.

Por muitos de seus admiradores um alfinete de brilhante, de subido valor.

De todos esses testemunhos, porém, o mais singelo foi, no pensar de muitos, o de mais valor, por que era o ingenuo offerecimento da pobreza e da orphandade, ao artista cuja mão estava sempre aberta para proteger os necessitados. As orphãs alumnas do collegio Amante da Instrucção vieram á scena e uma dellas lendo uma breve allocução, offereceu ao artista predilecto do publico, em nome de suas companheiras, varios mimos obra de todas ellas.

Uma banda de musica de amadores, collocada na quarta ordem tocou depois um hymno dedicado ao distincto artista.

Ao terminar o espectaculo, os admiradores de seu talento levaram João Caetano á casa á luz de tochas e entre vivas phreneticos, ao entrarem na rua do Lavradio quizeram a força carregal-o nos braços. A solemnidade sem precedente dessa representação foi uma justiça feita ao merecimento e aos esforços do nosso sempre lembrado e primeiro artista dramatico.

Antes da sua partida para a Europa, representou elle em 1859 o drama *29 ou Honra e Gloria* e o *Cabo Simão* em seu beneficio, sendo sobejamente applaudido.

A' 23 de Setembro de 1860, representou a *Gargalhada*, despedindo-se do publico e no dia 25 partiu para a Europa, a bordo do paquete francez *Guyenne*.

A sociedade portugueza Amante da Monarchia, da qual faziam parte o conselheiro Francisco Borges Xavier de Lima, como presidente, José Tavares Albano de Amorim, João Pereira Barbosa, Joaquim Augusto da Cunha Porto, fretou um vapor para ir ao botafora do artista.

A proposito da partida de João Caetano disse o *Diario do Rio*, em ares de conselhos, o seguinte:

„ O Sr. João Caetano dos Santos parte para a Europa, sua viagem é menos particular que official; no seu character de artista e empresario subvencionado largamente pelos cofres publicos, tem obrigação de ouvir os conselhos da imprensa.

Do talento real que possui não se faça na Europa uma arma de descredito. Seu nome de nacional que é fará reverter sobre seu paiz qualquer pesar que receba.

Repare que é bom entre nós, mas que vai para as terras dos mestres. Mostre-se, mas não creia que os echos das

palmas do S. Pedro chegam atravez do oceano a estrugirem na Europa.

Esperam-o lá como uma maravilha brasileira, é bom que saiba ser discreto entre os que o podem julgar e condemnar.

Não se enxergue nestas palavras outro sentido que não seja o de prudente prevenção contra exagerações infundadas que tem mais prejudicado que servido ao merito do nosso primeiro artista."

Como resposta, porem, a essas considerações do *Diario do Rio* pode muito bem servir a despedida que em forma de carta o artista dirigio ao publico.

Eil-a textualmente :

" João Caetano dos Santos tendo dado ante-hontem a ultima representação, em que tomou parte, antes da sua partida para Europa, despede-se do illustrado publico desta capital, a quem se confessará eternamente grato, e segue hoje para Lisboa, na esperança de prestar ainda verdadeiros serviços ao paiz e a este mesmo publico que tanto o tem protegido.

Posto que não será longa a ausencia de João Caetano dos Santos, elle acredita que, de volta á sua patria, se tornará evidente que desta viagem hão de tirar proveito real a arte dramatica no Brasil e as emprezas que lhe estão confiadas pelos governos imperial e provincial do Rio de Janeiro.

Indo a Lisboa, tem João Caetano dos Santos tanto em vista corresponder ao honroso convite que d'alli recebeu e foi aqui publicado, como tratar de reunir artistas dotados de talento que com o cunho da novidade tirem o theatro da apathia em que está e que junto aos que deixa contratados e que são pela maior parte os que temos de maior nomeada,

melhor possam satisfazer os habitantes desta capital, concorrendo todos para o mais perfeito desempenho de um novo repertorio que será annuciado.

Pensa tambem João Caetano dos Santos que com estas deliberações que vai pôr em pratica, conseguirá que fiquem abertas novas e mais estreitas relações entre os artistas brasileiros e portuguezes e que por certo os nossos se acreditem primeiro, indo tambem á Portugal mostrar o seu talento farão por esta forma que os dous paizes irmãos tenham sempre artistas que entretenham a novidade em seus theatros.

Tenciona tambem João Caetano dos Santos examinar cuidadosamente a maneira porque estão organisados os Conservatorios Dramaticos de Lisboa e Pariz, afim de que, junctando ao conhecimento theorico que possui o conhecimento pratico, sempre tão proveitoso, possa com maior segurança realisar as ideas que ha muito tempo tem sobre este assumpto, que tanto interessa a arte á que dedicou toda a sua vida.

João Caetano dos Santos, tomando estes solemnes compromissos com o illustrado publico desta capital e firme no proposito de cumpril-os, acredita que dá a mais irrefragavel prova de que só tem em mira bem servir-o e de que é grato e reconhecido pelos beneficios que lhe deve.

Rio, 25 de Setembro de 1860. — *João Caetano dos Santos.* “

Achando-se João Caetano em Lisboa por occasião da representação da *Dama das Camélias* no theatro de D. Maria II, onde o actor brasileiro tinha um camarote que o ministro do reino mandára pôr á sua disposição por todo o tempo em que elle estivesse no paiz, alguns homens de lettras

que sempre faziam-lhe ali companhia, chamaram-lhe a attenção para a scena do espelho, no 5º acto.

Desempenhava o papel de *Margarida Gauthier*, a insigne artista portugueza Emilia das Neves.

Ante o desempenho, que da platéa arrancou estrepitosos applausos, durante os quaes a actriz tremia e pintava na physionomia o mais vivo terror, um dos escriptores que achavam-se com João Caetano, vendo-lhe a immobildade, perguntou-lhe :

— Então, não gostou da Emilia nesta scena?

O artista respondeu-lhe friamente :

— Não.

— Pois não tem razão, tornou-lhe o escriptor, e se Emilia tivesse creado este papel depois de o ter visto na *Dama de S. Tropez*, dir-se-hia que ella o havia copiado na scena do espelho.

— Pois, se ella me houvesse copiado, retorquiu João Caetano, não seria a grande artista que é, porque a posição de *Mauricio* é muito diversa. Elle vê pelo espelho o homem que o envenena e surprehende-se e horrorisa-se que um seu parente, o seu maior amigo, seja o seu assassino ; porem a *Dama das Camélias*, que tem sido uma môça faceira e que, mesmo depois de enferma, todas as vezes que se levanta vai mirar-se, vendo assim constantemente os estragos que a molestia vai produzindo no seu physico, não pode horrorisar-se do que vê a todo o instante.

Para provar que essa linguagem era a franca opinião do artista desapassionado, basta dizer que tendo elle ido depois a Paris e assistindo á mesma peça desèmpenhada por essa excellente actriz, que deixou seu nome engastado em luz na historia dramatica franceza, Rose Chéri, não pôde conter as

lagrimas, palmejando e dando bravos, elle, que estava habituado á scena (como elle proprio o narra) quando a platéa parisiense phreneticamente applaudia o final da mesma scena do espelho, mas de modo diverso inteiramente interpretada.

Elle acreditava antes que Emilia das Neves procurava o applauso das platéas falsificando a acção da peça com o fim de agradar ás massas. Entretanto sua opinião era que o actor deve sempre representar para a parte mais instruida do publico.

Julio Cesar Machado, esse filigranista do estylo, esse inspirado folhetinista, escreveu em uma folha do album do nosso sempre lembrado artista, o seguinte :

„ Neste album destinado a guardar as memorias, as opiniões e os pareceres dos homens de letras de Lisboa, acerca do primeiro artista dramatico do Brasil, o que poderei dizer, que não seja o echo do voto geral do nosso publico ? Estima-se mais sempre a gloria, não pelo que ella nos dá, mas pelo que ella nos custa ; é todavia o Sr. João Caetano dos Santos um dos raros privilegiados que deve amar os seus triumphos pelo que elles lhe custam e pelo que elles lhe dão. Vem de si e de si só a intelligencia, arte, o tom supremo do genio que lhe admiramos. Com um rasgo de seu olhar esplendido, allumia, atravez da acção, limpidos abysmos, voragens do coração humano que ninguem suspeitava. Transforma um ruim drama em um poema. Quando entra em scena, tudo se agita e se anima e o que era um máo esboceto a carvão, toma as côres de um quadro de mestre. Julgamos ouvir uma scena de amor, de ciume ou de piedade... lede a peça... não está lá nada disso; foi João Caetano que escreveu tudo, erguendo os olhos ao céo, ajoelhando, apostrophando ou abençoando.

Lisboa, 1 de Dezembro de 1860.—*Julio Cesar Machado.*“

Mais de uma vez teve João Caetano occasião de provar o quanto valia, dando a sua opinião autorisada sobre trabalhos de artistas notoriamente reconhecidos como taes.

Somente, segundo o rifão mais que provadamente verdadeiro, de que *ninguém é propheta em seu paiz*, aquelles que sem o baixo sentimento da inveja o apreciaram tal qual era elle, só o estrangeiro consciencioso na sinceridade da admiração imposta pela realidade do merecimento, disse com justiça a palavra limpa de ironica lisonja ou de envenenada saudação.

Por occasião da exhibição da tragedia *Judith* representada pela actriz Emilia das Neves, em Lisboa, disse D. Fernando a esse genio do palco brasileiro :

— Quero a sua opinião a respeito da tragedia e do trabalho da Emilia.

Ao que elle respondeu-lhe :

— Senhor, a tragedia é traduzida por uma das melhores pennas de Portugal; a linguagem é excellente; mas o verso substituido pela prosa perde a sublimidade, energia, belleza e pompa. Quanto á Emilia, esse genio da scena portugueza, pela primeira vez que subio ao genero tragico, foi digna de applauso, porque não estava preparada para este trabalho; valeu-se, talvez, da imitação, contrafez muito a voz e prodigalisou tanto o gesto, que a cada instante suffocava a expressão: persuado-me de que ella seria mais feliz se se fizesse original.

Elogiando essa franca opinião de artista, que só visava o acatamento do ideal, sem o parvo constrangimento que distancia a consciencia timorata do vassallo da autocratica imposição do fidalgo, o soberano disse-lhe bondosamente :

— A Emilia faz mal em querer representar a tragedia, porque é muito boa no drama e excellente na comedia.

Todavia, tivemos tambem quem possuisse um coração aberto a todos os deslumbramentos de tudo quanto é grande e nobre.

E ai da patria se não se desse tal, que bem fraca idéa daria de si aquelles que mais tarde tivessem de julgal-a!

O actor é um dos factores da reputação de um paiz que vai pela recta do progresso caminho da civilisação.

Assim comprehendendo tal, foi que, segundo nos diz João Caetano em seu livro intitulado: *Lições Dramaticas*, publicado em 1862 pela typographia do *Jornal do Commercio* do Rio de Janeiro, o poeta Magalhães dedicou-lhe um soneto, de que fazem parte estes versos :

Uma estatua compuz, dei-lhe a palavra
E tu lhe deste o movimento e vida

quando elle creou o papel de *Antonio José*, na tragedia desse poeta.

Na tragedia *Oscar* tambem foi elle copiado da situação em que este, delirante, reconhece a sua espada, proferindo a phrase: — E' minha! — pelo insigne esculptor, lente da Academia de Bellas-Artes, commendador Francisco Manoel Chaves Pinheiro e hoje fallecido.

Emfim, artista por artistas applaudido, como aquelle que disse :

Poetas por poetas sejam lidos.

N'alma de João Caetano, porém, doia fundo a indifferença com que era considerado e como elle mesmo confessa, tratando Estella.

Eis as suas proprias palavras, para que ninguem veja fel naquillo que apenas é dolorosa recriminação :

„ Tive muitas occasiões de observar em Estella dos Santos, minha mulher e minha companheira nos trabalhos e triumphos, como ella me chamava na comedia *Kean ou desordem e genio*.

Esta artista intelligente e estudiosa, como o podem attestar ainda as innumeras pessoas que a viram sobre o palco e acompanharam o seu tirocinio de 25 annos; esta artista, muito conhecedora das conveniencias da scena, quando se deixava arrastar immediata e inteiramente pelo sentimento do seu papel, perdia, assim como eu, os melhores effeitos do lance em taes circumstancias ; porém quando a sua cabeça governava o coração, era completa no jogo physionomico, no gesto e a sua expressão dizia mais do que a palavra. E estes versos :

Nós somos como a flor que emquanto fresca
Seu cheiro exhala, cuidadosos guardam,
Mas tanto que exhalou o aroma todo,
Tanto que murcham para o canto a atiram,
Assim pratica o povo ingrato sempre!...

que com tanta verdade ella dizia, vieram a ter toda a relação com o fim de sua carreira, que, retirada da scena ha 8 annos, não foi nem ao menos lembrada por um dos nossos homens que escrevem, para lhe fazerem a biographia! Mas assim mesmo devia ser! porque esta artista é natural do Rio de Janeiro, desta terra onde nem ao menos reina o espirito de provincialismo. “

Que duras verdades ha tantos annos proferidas sobre o character deste povo fluminense, cujos representantes seme-

lham-se com o polichinello que a criança ambiciona para quebrar !

Quanto fel estilla dessas linhas e, ainda mais, de uma ferida aberta pela ingratidão da patria no coração de um dos seus mais dignos filhos !...

Brasil, se o teu sangue ainda tem actualmente a força de subir-te á face, envolve-te no crepe do remorso e do chão de um arrependimento, embora tardio, implora do passado perdão ás tuas faltas.

O actor, como interprete fiel de um papel que lhe é confiado, incarna-se na individualidade do personagem que representa e devem-lhe ser facultados todos os meios de instruir-se, sem nunca descobrir-se o ridiculo onde só existe a dedicação e a mais que justificada ambição de gloria.

Eis, a proposito, as palavras do mestre no livro que já tivemos occasião de citar :

„ Entendo eu, senhores, que o actor que indaga e pergunta o que não sabe, prova com isto o apreço que dá á sua reputação e á sua arte.

Quando eu, senhores, creei o papel de *André* na *Gargalhada*, fui estudar no hospital, como alli estudei sempre todos os doidos que reproduzi em scena. Nessa occasião, pois, estudei um que mais se adaptava ao caracter do personagem que queria representar: os movimentos, as posições, a physionomia, imitei com todos os perfeitos traços da loucura; porem a gargalhada nervosa, que devia dar repetidas vezes, comquanto a tivesse muito bem estudada, estava sempre na desconfiança se seria verdadeira e natural; fui então consultar com um dos primeiros medicos desta Côrte, o Sr. Dr. Silveira e depois de approvar em sua casa o meu riso nervoso, appareci no palco cheio de confiança no tra-

balho que expuz ao publico e que o acolheu benignamente. “

Que judicioso ensinamento pregado ha 22 annos para aquelles que nem sequer sabem que existe um pequeno livro, intitulado: *Lições Dramaticas por João Caetano dos Santos* e que são, entretanto, saudados diariamente pelos pomposos adjectivos *eximio, talentoso e et reliqua!*...

A imprensa moderna, essa que importuna o transeunte com o esganiçado pregão de nocivos elogios ou estafadas descomposturas, esse grupo de Catões de botequins, Napoleões de sandice e Brutus da verdade, que parem ao menos uma hora no desabrimento de sua nullidade e confessem que são uns ignorantes vaidosos ou reprovados vadios.

Criticos, menos presumpção ; artistas, mais consciencia.

Os creditos de um escriptor não firmam-se sobre a insolencia da asneira, bem como a reputação de um artista não assenta sobre os applausos da insensatez.

Tornem-se seriamente imparciaes uns e façam-se honestos os outros, que o merecido louvor jamais lhes faltará.

A' proposito da extrema tolerancia do publico, umas vezes por compadresco, outras por ignorancia, porem sempre fatal antes do que aproveitavel ao artista estudioso, eis o que diz João Caetano em seu livro :

„ ... melhor seria que elle fosse mais severo e que premiasse e reprovasse a proposito, para não vermos entre nós tantas gralhas ornadas com pennas de pavão. “

Carapuça esta de borracha, que em muitas cabeças se ha de adaptar!...

João Caetano não era sempre o artista orgulhoso fazendo estremecer de susto os seus discipulos á mais leve suspeita de ligeira observação ; tinha tambem as suas horas de bom

humor, como prova a conversa abaixo, que extrahimos do seu proprio livro :

„ ... ocorre-me um pequeno dialogo que tive com o nosso Molière brasileiro, o Sr. Luiz Carlos Martins Penna, de sandosa recordação, por occasião de uma festa em S. João de Itaborahy, nesse lugar aprasivel que foi o meu berço dramatico e onde nasceu um dos nossos mais distinctos escriptores, o Sr. Dr. Joaquim Manoel de Macedo, cujo nome tenho a honra de recommendar respeitosamente a esta escola, por ter concorrido sempre, não só com composições dramaticas, mas tambem com escriptos de outra ordem para o desenvolvimento do theatro nacional.

Vamos, porem, ao dialogo.

Na festa que, como disse, teve lugar na villa, dei eu algumas representações no seu bonito theatro. Na primeira noite de espectaculo representei *Othello* e o meu amigo Penna, apreciador desta tragedia, não faltou, visto achar-se no lugar fruindo os divertimentos. No fim do 4º acto foi visitar-me e nesta occasião se me apresentou o contra-regra perguntando:

— Quer no principio do 5º acto trovões e raios ?

— Não, disse-lhe eu, bastam trovões ao longe.

Esta minha determinação excitou o riso do meu amigo e disse-me :

— Grande é o poder de um actor !

— Porque ?

— Porque, sentado no camarim, governa os elementos.

— Pois, todo esse poder não o livrará um dia de uma grande desgraça !

— Qual pode ella ser ? !

— Ao sahir á scena, apanhar uma tempestade de pateada, que só no camarim se abrigue d'ella.

— Quem governa os elementos é respeitado pelos homens.

— Engana-se : Deus não o foi por elles, quanto mais eu, que mando buscar os raios á casa do fogueteiro.

Rio-se muito o meu amigo, promettendo-me introduzir a nossa conversação na primeira comedia que escrevesse. “

Já que ao bico da nossa penna veio o festejado nome do *nosso Molière brasileiro* como o appellidou João Caetano, não será intempestivo lembrar aqui, tratando do artista, que em si resume a historia da arte dramatica nacional, não será intempestivo, dizemos, dizer algumas palavras sobre quem, seguindo o exemplo do laureado Penna, tanto tem feito á bem do nosso theatro.

Referimo-nos ao elegante e espirituoso comediographo, o Sr. Dr. França Junior.

Que todos o imitem, que o ajudem animando-o, embora grande seja a sua coragem ; que não o abandonem no isolamento do seu merito e só resultará um bem de tal procedimento, com isso lucrarão applausos e posteridade.

Sempre é melhor seguir o exemplo dos que procedem bem, do que perder o tempo em futeis e estereis discussões.

Não criticamos d'aqui pessoa alguma, porque a accasião é impo tuna, mas dizemos, a um tempo alegres e pezarosos, que é pena ser o Dr. França Junior o unico comediographo serio que possuímos, mais do que sobeamente provado com as seguintes e originaes composições do seu talento : *Uma hora de cynismo, Typos da actualidade, Defeito de familia, Direito por linhas tortas, Trunfo ás avessas, Club Jacome, Como se fazia um deputado, De Petropolis á Pariç, etc.*

Voltando ao nosso thema, diremos que durante o pouco tempo que João Caetano esteve em Lisboa, foi sempre que-

rido e festejado por todos ; os jornaes disputavam a primasia de uma noticia á seu respeito e entre outras demonstrações de affecto que alli recebeu, contou uma coroa de ouro offerecida pela duquesa de Palmella, obra de subido valor e gosto artistico.

Diversos foram os episodios chistosos que com elle se deram.

Entre esses, citamos abaixo o narrado pelo seu affectuoso admirador, o folhetinista Julio Cesar Machado.

Falla esse distincto escriptor :

„ Quando João Caetano veia á Lisboa como que confirmar a sua reputação pelo applauso dos Portuguezes (e é para notar que foi elle o primeiro á emprehender estas viagens, que os nossos artistas tem depois imitado, indo sancionar a sua nomeada do outro lado do Atlantico; visitas que dão vida á civilisação e a arte), acompanhava-o uma artista, que chegou a ter mais tarde no Brasil a reputação de actriz de talento. João Caetano, guardando as boas praxes da prudencia e da discrição, foi morar para uma hospedaria e aconselhou-a á que residisse n'outra.

Escolheu a actriz o hotel *Alliança*, que era nesse tempo na rua do Alecrim.

João Caetano estabeleceu-se em um hotel da rua Nova do Carmo.

A actriz era formosa ; apparecia sosinha, ia ás noites para uma frisa, ora em S. Carlos, ora em D. Maria ; garridamente enfeitada, vestida sempre com uma elegancia que podia peccar por certo tom exagerado que, como diz o outro, dá de mais na vista, mas que a frescura da mocidade e da belleza della autorisava plenamente. Era um typo egypcio : physionomia encantadora, olhos e cabellos admiraveis e a mais bella bocca que no mundo podesse ser beijada.

Namoraram-lh'a.

Era de esperar; era de receiar, para elle.

E' bom ser prudente, é bom ser discreto, mas em a discricção chegando ao ponto de eliminar de todo um homem, consegue o maior triumpho para a cautela e o maior revez para o cauteloso...

João Caetano fôra cauteloso de mais.

Eliminara-se.

O moço que requestava a actriz, informara-se de quem era a elegante forasteira que todas as noites nos theatros parecia dar pela luz de seus olhos maior claridade á sala: disseram-lhe que era artista, que viera com João Caetano dos Santos, que tinha um nome meio bohemio, meio romantico e que estava só.

O namorar é uma invenção boa; e por maior talento que tenha um homem ou por mais elevada que seja a sua situação e a sua fortuna, tudo o que elle disser sem ser com os olhos, a uma mulher a quem dirige as primeiras attensões, pode ser mais claro, mas nunca será mais bem percebido.

Lá se entenderam os dous: elle da platéa, ella da frisa; de se olharem passaram a escrever-se, de se escreverem passaram a fallar-se.

Mas, porque a mocidade nunca deixe de ser criança e ambos elles eram moços, moços no primeiro alvor da vida e da descuidosa alegria, não contentes de se fallarem, nos intervallos de se fallarem, escreviam-se.

Escreviam-se o que? As mil innocentes tonteiras do amor. Haviam-se despedido depois da meia noite: mandavam-se de manhã, um ao outro, beijos no papel.

De uma vez escreve elle; vai á janella, passa um Gallego, chama o Gallego, vem o Gallego, dá a carta ao Gallego.

— *Hotel Alliança*, rua do Alecrim, voa Gallego !

O Gollego voa.

Meia hora depois volta esse veloz confidente...

Traz uma grande condeça de palha.

— A resposta?

— E' esta.

— E carta?

— *Num ha carta.*

A condeça era enorme.

Levou-a o mancebo aos hombros para o seu quarto conforme pôde, fechou a porta delicadamente, desfez o nó do atilho que prendia os fechos, abriu a condeça...

Mysterio !

Vio roupa, muita roupa branca.

— Que diabo é isto ?

Metteu o braço, puxou...

Sahiam ceroulas...

Sahiam camisas...

Sahiam calças brancas...

Sahiam mais camisas, mais calças brancas, mais ceroulas...

Nada de carta !...

— Que diabo é isto ?

E sacudia camisa por camisa, ceroulas por ceroulas, calças por calças e nada de carta, nada de carta, nada de carta...

Mil vezes mysterio !...

Nova epistola, narrativa succinta da surpresa e pedido da explicação do enigma. A condeça outra vez ás costas do Gallego e ahi vai nova carta e voa outra vez.

Torna a decorrer meia hora.

Torna a vir o Gallego.

Traz carta.

Ah! desta vez traz carta!

A carta diz:

A minha creada fez uma tolice, que vai perder-me. João Caetano envia para aqui a sua roupa e é a minha lavadeira quem se incumbem d'ella; o teu creado viera ao mesmo tempo que o d'elle; a creada deu a roupa ao teu e entregou ao do João Caetano a carta que era para ti. Que hei de fazer?

Situação.

O moço medita com a pressa que o caso exige...

Senta-se e escreve:

João Caetano não deve tardar em apparecer ahi. E' vel-o á porta, largar as palmas e rir. Elle inquire... Riso. Elle enraivece-se... Palmas. Elle ameaça... Palmas e riso. Queres um camarote para esta noite em S. Carlos (era o beneficio de Garaniga), só elle poderá alcançal-o. Já o ciume fez o milagre que o amor não faria, visto ir elle ver-te de manhã, o que nunca tem feito; serviste-te daquelle artificio para o apanhares ahi mais cedo e castigar pelo susto a sua negligencia; mais palmas e mais riso e que vá buscar o camarote.

Duas horas depois, o camaroteiro de S. Carlos dispunha-se a resolver por todas as maneiras imaginaveis a difficuldade de ter uma frisa. Tratava-se de satisfazer o empenho de uma notabilidade artistica. João Caetano dos Santos queria para essa noite, absolutamente, um camarote.

E viva e viva!...

Nenhum dos artistas brasileiros que vieram á Portugal deu larga medida do que podessem e a quanto attingissem a sua vocação e suas aptidões; João Caetano representou apenas um drama. A *Dama de S. Tropez*, peça já muito nossa conhecida, de haver tido uma voga de occasião no

tempo em que os jornaes não se occupavam de outra cousa que não fosse o processo de Madame Lafarge, em França. O enredo da peça é extrahido dessa causa celebre; a mulher envenena o marido, tendo ares de o tratar carinhosamente; tão depressa os remedios atrazam o mal, vem o arsenico fazel-o progredir, o homem conserva-se nessa balaça da vida e morte durante muitos dias; é sempre a esposa quem lhe leva os caldos e os remedios que o medico aconselha; de uma occasião, o pobre homem, olhando para um espelho, vê a mulher deitar o veneno no caldo, ás escondidas. Representou João Caetano o seu papel muito habilmente, a pronuncia d'elle não era destinada a desvanecer a impressão pouco agradável que o drama suscitou; e a exageração de escola em que elle primava, já chegava para nós fora de tempo; o Brasil applaudira-o no *Othello* e todos nós sabemos que não é facil representar Shakspeare. No drama dava mais do que era preciso: o tragico denunciava-se; e o drama familiar, se é que pode chamar-se *familiar* á uma acção em que se represente ser envenenado pela familia, não permite o alto entono e attitudo solemne das tragedias. Como talento, porem, cumpre dizel-o, era de primeira ordem, era da grande raça: a natureza destinara-o a formar ao lado dos Rossi e dos Salvini. Mas não estudara, não pudera estudar como elles.

Artistas de nascença, todos tres o eram: Salvini attendendo mais que nenhum outro á naturalidade, á razão, ao estudo; Rossi primando em inspiração, na elegancia, no gosto, na phantasia; João Caetano no sentimento, na paixão.

Rossi tinha o amor da arte como um delicado. Ensinava Julieta com dedicação de mestre, embora Julieta quasi sempre fosse destinada a fazer soffrer Romeu.

Que de historias com a Casilini?

Aquella doce ingenua, que parecia ser a innocencia, a timidez, a suavidade, a consolação em figura humana, moia o pobre e glorioso artista dia e noite. Tinha muito mais imaginação para lhe inventar torturas do que para figurar as das tragedias em que tomava parte no tablado... Fazia-lhe scenas diabolicas, trazia-o constantemente n'uma excitação melancolica que lhe tirasse o gosto de querer saber de tudo que fosse mundo.

De uma vez dizia-me elle :

— Homem, ha uma historia napolitana que me quadra frisantemente. Um sujeito tinha uma creada, em quem nunca fizera reparo; de uma vez ia para sair de casa, deu um espirro, saltou-lhe o botão do collarinho, chamou a creada para lh'o pregar. A creada poz-se a coser o botão e elle muito quieto, para aquelle trabalho ficar bem feito. Immoveo como estava, não podia deixar de olhar para ella; pela primeira vez reparou que era bonita e, como estavam de rosto chegado um ao outro, deu-lhe um beijo... D'ahi provieram todas as suas desgraças.

As lições a Julieta tinham sido talvez o botão de collarinho de Romeu. “

Voltando João Caetano da sua viagem á Europa pouco veio gosar no seio de sua querida patria.

A terrivel molestia que o havia de matar já traiçoeiramente fora com elle e voltára com a sua victima; pequenos, porem, eram os soffrimentos, que foram em augmento, até que uma noite, a ultima que representou, no drama *Os Intimos* em Nictheroy, no 3º acto teve uma suffocação, dando logar á que o espectáculo fosse suspenso, visto que o seu

medico não consentio que elle d'ahi por diante trabalhasse mais.

Não trabalhava, mas ensaiava as peças que montava.

Quando elle ensaiava o *Cinna*, em um dos intervallos pediu um copo com agua, quando justamente lhe traziam a noticia de que lhe retiravam a subvenção.

O pobre infeliz nem teve tempo de levar o copo á bocca, tal foi a rude impressão que recebeu. A molestia aproveitou esse estado de abatimento e sitiou-o por todos os lados.

Em um minuto abateu-se um mundo de aspirações! Moralmente estava morto João Caetano.

Inutilisado, os medicos aconselharam-lhe que sahisse da cidade, afim de ver se melhorava.

Foi elle para o pavimento terreo de uma casa á rua do Caminho Velho em Batafogo, hoje Senador Vergueiro e ahi, apoz longos e dolorosos soffrimentos, falleceu pelas 6 horas da manhã do dia 24 de Agosto de 1863.

Esse dia devera ter sido de lucto nacional.

Não admira, entretanto, que tal se não desse, pois, vinte um annos mais tarde, hoje, em 1884, no que menos cuidam aquelles á quem está confiado o futuro do paiz, são os interesses da patria.

João Caetano falleceu de uma lesão do coração e os seus ultimos momentos, sentado em uma poltrona, com chinellas de marroquim vermelho, as pessoas que o cercavam, tudo concorria para fazer lembrar o ultimo acto da *Dama de S. Tropez*.

Seus ultimos instantes de vida foram assistidos pelo capuchinho frei Carlos, o Sr. Luiz Honorio Vieira Souto, o Sr. Lessa Paranhos, o primeiro cunhado, o segundo genro de João Caetano, o Sr. João Pereira Barbosa, seu compadre e amigo, o Dr. Praxedes e o actor Galvão.

Presentindo João Caetano a approximação da morte, pedio para escrever seu testamento, o que fez nos seguintes termos:

— Vistam o meu cadaver com o habito de S. Francisco de Paula, colloquem-lhe no peito o habito de Christo, com que meu pai foi sepultado; encerrem-n'o em um caixão pintado ou forrado de panninho preto e conduzam-n'o ao cemiterio na sege mais pobre que houver, acompanhando o meu corpo o meu compadre Affonso e o capuchinho frei Luiz.

A's 5 horas depois do meio dia o actor J. P. Barbosa partio do theatro S. Pedro d'Alcantara com os seus companheiros, artistas contractados do mesmo theatro, afim de trazerem do Caminho Velho de Botafogo o corpo do seu mestre e amigo; o que fizeram, transportando-o aos hombros, em uma marquezia, até á rua do Lavradio, residencia do finado, onde chegaram ás 10 da noite, acompanhados por mais de quatro mil pessoas, recebendo o corpo por onde passava as mais vivas e sinceras demonstrações do quanto sentia o povo o seu passamento.

Em seguida á chegada do morto á sua residencia, apresentou-se o 5º annista de medicina, o Sr. Costa Ferraz, offerecendo-se para embalsamar o cadaver d'aquelle grande cidadão que acabava de cahir.

Ao menos que da sepultura modesta de um simples actor dramatico se levante o estimulo para esses tantos que só fallam de patriotismo.

Houve a principio seria resistencia da parte da familia em virtude do testamento do finado; conseguiu-se, porem, provar-lhe que um homem como João Caetano quando deixa

de pertencer ao numero dos vivos, é da immortalidade, é da gloria, é da patria.

Foi, portanto, embalsamado gratuitamente, pelo joven estudante, que com aquella bonita acção que praticou, seu primeiro trabalho daquelle genero, ligou-se á uma das primeiras glorias da patria.

No dia 25 foi o precioso corpo carregado á mão da rua do Lavradio para o cemiterio S. Francisco de Paula, por grande parte de artistas dramaticos que se achavam na cidade e acompanhado por uma multidão enorme de poyo.

Era um espectaculo triste, lugubre, mas tambem era uma das maiores solemnidades á que o Rio de Janeiro em lucto tem assistido.

João Caetano merecia ainda mais: era a magestade do talento: reinava sobre os corações.

Seu corpo foi sepultado no jazigo n. 3164, que lhe fora concedido generosamente pela V. O. Terceira de S. Francisco de Paula.

No 30º dia de seu passamento teve logar um officio solemne na matriz do S. S. da antiga Sé, mandado pela Directoria da Associação do theatro S. Pedro de Alcantara.

Descrever a affluencia de povo de todas as classes sociaes que ahi concorreu, é impossivel.

Assim terminou essa vida que mais lembrada deveria ser. Os governos, porem, têm mais em que cuidar do que em arte e em artistas.

Fazem muito bem!

O governo quer dizer sete homens que *devem* ser honestos e assumem o serio encargo de tratar da prosperi-

dade da patria; pois, bem: em relação á patria, qual é o governo e mais quasi todos os homens d'Estado que, com a mão na consciencia, sinta-se ou sintam-se da estatura de João Caetano dos Santos?!

Terminando, não podemos deixar de agradecer aos Srs. João Pereira Barbosa, Antonio José Areas e Martinho Corrêa Vasques.

A' elles devemos os melhores e mais valiosos esclarecimentos, apontamentos e documentos.

Creiam, pois, esses velhos discipulos do grande cidadão que jamais nos esqueceremos do immenso serviço que nos prestaram — e

MUITO OBRIGADO.

Amigo Amas

----- Denta

vez o meu desejo d'uma curupide de me
achar entre os Portuguezes e ali mostrar-
lhy, segundo as ult. as pçças o quanto lhes
seu agradecido e affectuoso.

Socio Cactine dos Santos

Rio, 13 de Feb 1853